



BAHIANA
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Carina Santiago Ribeiro Dias

EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE EM PRÁTICA

SALVADOR, 2017

Carina Santiago Ribeiro Dias

EPSTEMOLOGIA CONVERGENTE EM PRÁTICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicopedagogia da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof(a). Dra. Débora Silva de Castro Pereira

Salvador-Bahia

2017

“A Educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tão pouco, a sociedade muda.” Paulo Freire

Sumário

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1	6
BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA PSICOPEDAGOGIA.....	6
CAPÍTULO 2	8
APRENDIZAGEM, SUJEITO E EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE.....	8
CAPÍTULO 3	12
A FORMAÇÃO E PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA.....	12
CAPÍTULO 4	14
ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO.	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
BIBLIOGRAFIA	61
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia surge no mundo da necessidade de se preencher uma laguna que não poderia ser resolvida somente pela medicina, pela psicologia, pela sociologia, ou até mesmo pela pedagogia. A partir de todas essas ciências a psicopedagogia se fundamentou para sua atuação frente aos problemas de aprendizagem. Weiss (2012, p.15) fala que “a maioria avassaladora das questões escolares está ligada aos vínculos inadequados com os objetos escolares, com as situações escolares, com a aprendizagem formal”.

Para compreender o sujeito objeto de estudo da psicopedagogia este trabalho pretende com uma fundamentação teórica entender historicamente o surgimento da psicopedagogia, refletir sobre como esses sujeitos aprendem, quais são os processos biológicos e sociais incrustados nesse percurso e como a teórica da Epistemologia Convergente revoluciona e corrobora para um olhar psicopedagógico diferenciado nesse contexto.

Este trabalho também analisa as necessidades de formação e as responsabilidades, observadas durante estágio psicopedagógico, do profissional de psicopedagogia frente aos desafios postos a sua prática.

O estágio foi executado em dupla no núcleo de psicologia da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública com a proposta de diagnóstico psicopedagógico de uma criança de oito anos cursando 3º ano do ensino fundamental I, durante oito sessões, nas quais foram utilizadas provas projetivas psicopedagógicas, provas operatórias, teste de compreensão leitora e Anamnese para ao final do atendimento concluir um informe psicopedagógico.

Desta forma estabeleci os seguintes objetivos para esse trabalho:

Geral: Compreender a história da psicopedagogia no Brasil e no mundo, bem como refletir sobre a atuação e formação do psicopedagogo a luz da Epistemologia Convergente.

Específicos:

Conhecer como a psicopedagogia surge no Brasil e no mundo.

Compreender o conceito de aprendizagem.

Analisar as variáveis necessárias para o sujeito aprender.

Refletir sobre o processo de formação do psicopedagogo e sua área de atuação.

Compreender a teoria da Epistemologia Convergente fundamentada por Jorge Visca.

CAPÍTULO 1

BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA PSICOPEDAGOGIA

Escrevo esse texto mergulhando em uma reflexão sobre minhas vivências durante dois anos de formação no curso de psicopedagogia. Foram muitas idas e vindas, muitas construções e desconstruções a cerca da prática psicopedagógica a luz da epistemologia convergente, difundida por Jorge Visca, e hoje consigo compreender que esta teoria revoluciona ao reconhecer o indivíduo em toda sua complexidade cognitiva, funcional, afetiva e social em situação de aprendizagem.

Para entendermos o campo de ação do psicopedagogo, seus desdobramentos e formação de identidade profissional é necessário conhecer o fato histórico de seu surgimento. A preocupação com os problemas de aprendizagem surgem no continente europeu no século XIX e tem seus primeiros centros psicopedagógicos fundados por J Boutonier e George Mauco. Pautados por conhecimentos da área de psicologia, psicanálise e pedagogia acreditavam conhecer a criança como um todo e o seu meio. As crianças eram levadas a esses centros com queixas de comportamento social inadequado na escola e dificuldades de aprendizagem. (MERY apud BOSSA, 2000, p. 39).

Já em Buenos Aires hospitais recebiam crianças, com queixas semelhantes para atendimento médico, o que nos leva a entender que o enfoque orgânico foi o primeiro a orientar os estudos. Os diagnósticos levavam de 4 a 5 meses para serem finalizados por falta as consultas pelos pacientes, que muitas vezes não possuíam verbas para deslocamento, ou por falta de profissionais. Dessa demora no diagnóstico e da necessidade de um profissional multidisciplinar e um espaço próprio para esse atendimento surgem os primeiros centros de saúde mental de Buenos Aires. (FERNÁNDEZ, Alicia, 1991, p.48). Alicia Fernández afirma que Buenos Aires foi a primeira cidade da Argentina a oferecer uma faculdade de psicopedagogia. (BOSSA, Nadia A. 2000, p.41).

A psicopedagogia chega ao Brasil na década de 70 e remete ao seu histórico na Argentina nos influenciando diretamente. As dificuldades de aprendizagem nessa

época foram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM). “O rótulo DCM foi apenas um dentre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas sociopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de psicologia individual. Termos como dislexia, disritmia, e outros também foram usados para esse fim.” (BOSSA, 200 p.49). No Brasil não podemos desvincular os problemas de aprendizagem dos fatores sócio políticos, pois as condições econômicas, sociais e das escolas que boa parte da população frequenta, na maioria das vezes, não oferece condições mínimas para aprendizagem.

Durante o estágio em uma das sessões a mãe relata que o filho estudava em uma escola pública do município de Salvador-Ba e uma dia chegou em casa contando que não teria aula pelos próximos dez dias, a mãe então foi a escola procurar informações sobre o que o filho tinha relatado. Na ocasião foi informada pela coordenadora da escola que as aulas a partir daquele mês se dariam no regime de rodízio, pois devido à falta de carteiras escolares para todos em uma semana uma turma assistiria aula e na outra seria outra turma.

Ainda durante o estágio a mãe relatou que seu outro filho em um único ano havia trocado de professor durante seis vezes, devido a problemas internos da escola. Fatos esses que não devem ser desconsiderados quando falamos em dificuldades de aprendizagem em nosso país.

É neste contexto que surge no final da década de 70 as primeiras especializações em psicopedagogia no Brasil, enquanto isso a Argentina já consolidava seus conhecimentos na área e alguns pesquisadores vieram ao Brasil para formar os novos profissionais, dentre eles Jorge Pedro Luiz Visca, nascido em Baradero, província de Buenos Aires, em 14 de maio de 1935, cursou o bacharelado no Colégio Nacional de San Pedro, Província de Buenos Aires e o magistério na Escuela Normal de Profesores Mariano Acosta da Capital Federal. Graduou-se em Ciências da Educação em 1966, na Facultad de Filosofia Y Letras da Universidad Nacional de Buenos Aires. Foi psicólogo social, formado na Escuela Privada de Enrique Pichon Rivière, em 1971. Fundou os Centros de Estudos Psicopedagógicos de Buenos Aires, de Misiones, do Rio de Janeiro, de Curitiba, de São Paulo e de Salvador e foi criador da Epistemologia convergente, teoria a qual fundamenta meus estudos e práticas nesse trabalho.

CAPÍTULO 2

APRENDIZAGEM, SUJEITO E EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE.

A visão racionalista e dualista do ser humano destaca a aprendizagem como consciente e produto único da inteligência. Tal visão perdurou por muito tempo e quem sabe ainda perdura no âmbito das práticas escolares. Segundo Alicia Fernández “o ser humano é humano porque aprende...as semelhanças entre eles se dá porque aprendem, portanto ela está fadada a iniciar-se pela repetição.”(FERNÁNDEZ, 1991 p.40). E foi justamente para superar esta visão da disjunção que Visca cria a Epistemologia Convergente. Acerca disso Laura fala

A disjunção leva a várias dificuldades de aprendizagem e a possíveis soluções, como se as causas fossem únicas e lineares, assim como as soluções; a redução faz com que cheguemos a uma abstração supondo que a presença de uma dificuldade específica requer sempre a mesma forma de intervenção, construindo-se, pois, uma abstração que anula a diversidade. (MONTSERRAT, apud Visca,2010 p.137).

A pedagogia praticada pelas escolas tem aprisionado os estudantes, a educação tradicional coloca todos em um mesmo lugar de iguais, e se são iguais, portanto devem produzir os mesmos resultados, os estudantes não tem a oportunidade de desejar o aprender ou o que querem aprender, os corpos devem estar todos duros nas cadeiras enfileiradas, olhando para os detentores do saber, os professores. Está teoria tradicional de aprendizagem no Brasil, ainda não foi superada, mesmo que na formação do professor nos currículos das universidades constem conteúdos relativos às práticas construtivistas, de que o professor é um mediador e deve conduzir seus alunos à aprendizagem, a prática ainda está sempre muito distante.

Durante o estágio na aplicação das provas projetivas os desenhos sempre faziam referência as cadeiras enfileiradas voltadas para o quadro de onde falava o professor. Atendimento esse feito com uma criança de oito anos no século XXI, e as experiências em sala de aula ainda remontam ao surgimento da educação formal.

Mas afinal como os indivíduos aprendem? De acordo com Falcão

Costuma-se definir aprendizagem dizendo que se trata de uma mudança de comportamento, e aqui precisamos compreender comportamento no sentido mais amplo que essa palavra possa ter. Realmente a criança que, ao entrar na classe de alfabetização, não lê, e, ao final do ano está lendo, apresenta uma modificação... O termo, portanto, não se aplica somente a aprendizagens escolares, em que o estudante deve, através de uma prova, demonstrar que adquiriu. Aprendizagem é fenômeno do dia-a-dia, que ocorre desde o início da vida.(FALCÃO, 1996, p.19)

Essa pergunta, foi mola propulsora para minha matrícula no curso de psicopedagogia. Mesmo após minha formação em Pedagogia, muitas lagunas ficaram, afinal, teríamos nós os pedagogos apenas transmitir conteúdos? Quem são esses sujeitos a quem iremos nos deparar nas salas de aula todos os dias? A preocupação de Visca em criar uma teoria convergente, foi justamente plural e não singular, no sentido de demonstrar que o sujeito que aprende é um espectro, é multi, ele não é só inteligência, para aprender ele utiliza o corpo, ele está inserido em um contexto social, ele é afetivo, e mesmo com todos seus desdobramentos ele é singular e único.

Como afirma Alicia (1991) a existência da Psicopedagogia Clínica implica o fracasso da Pedagogia. A escola tem sido um espaço de tencionamento e reprodução da cultura. Para a aprendizagem acontecer muitos fatores de ordem física precisam ocorrer, as funções receptivas, como ouvir, perceber, as funções de elaboração como memória, organização mental, reorganização, as funções de saída como linguagem, comportamento, expressões e todas as funções cognitivas devem estar preservadas, porém muito mais do que o que nos ensina a neurociência sobre o aprender, a emoção interfere no processo de retenção da informação, é preciso motivação para aprender. Experiências moldam o cérebro e aumentam as sinapses, logo elas nos diferenciam enquanto pessoas, não somos todos iguais, não entendemos o que nos é falado da mesma forma, pois buscamos associações com o que já vivemos.

Para uma aprendizagem ser efetiva ela também passa pelo vínculo, além do desejo de conhecer o que não sabemos, ou para atingir certos fins que possamos ter, não aprendemos de qualquer pessoa, aprendemos com aqueles com quem nos vinculamos positivamente. Conhecendo todos os desdobramentos dos seres

humanos, como a escola ainda pode querer colocar todos em um mesmo patamar, com professores carrascos que pedem que todos aprendam da mesma forma e ao final de cada conteúdo exposto medir os conhecimentos de todos em poucas horas através de um instrumento único?

E diante de tantos alunos com dificuldades no rendimento escolar as instituições se perguntam, mas porque os alunos não aprendem? Família, escola e sociedade, criam mecanismos muitas vezes que empatam a aprendizagem. Escolas preocupadas em transmitir conteúdos desinteressantes para os alunos, pois os mesmos precisam passar no vestibular, pressão por sua vez, social e familiar de que todos devem ser bem sucedidos e passarem no vestibular, gerando entraves ano após ano na aprendizagem de adolescentes. Esses são alguns exemplos de entraves na aprendizagem que algumas crianças e adolescentes costumam apresentar durante os anos escolares.

Aqui neste texto não vou me ater a dificuldades de aprendizagem provenientes de transtornos como TDAH*, ou síndrome de down, ou a autistas, como não foi o foco do nosso curso de formação em psicopedagogia, escreverei apenas sobre dificuldades cognitivas não patológicas. A patologização, ato ou efeito de transformar em doença ou anomalia mesmo que não seja, é uma outra reflexão diária do psicopedagogo, visto que muitos clientes quando chegam aos consultórios já passaram por outros profissionais, geralmente médicos, ou psicólogos, que já diagnosticaram alguma doença previamente.

Durante a sessão de anamnese no estágio a mãe nos relatou que antes de chegar ao psicopedagogo havia levado a criança para consulta com um médico neurologista, em consulta então ela havia feito algumas perguntas e ao final teria solicitado alguns exames e receitado a criança que tomasse um medicamento chamado Ritalina, muito comumente receitado a pacientes que possuem déficit de atenção e hiperatividade. A mãe ainda nos contou que desconfiou do médico e não deu o medicamento ao filho.

Sobre este fato social refleti, como me ajudou a disciplina de dimensão afetiva da aprendizagem, o corpo na contemporaneidade, a sociedade do capital não espera por processos e sintomas graduais, ele tem urgência na solução de seus problemas e a medicalização aparece como solução para muitos problemas que poderiam ser resolvidos com o tempo e um bom acompanhamento profissional.

Visca em seus estudos não tratou somente da psicopedagogia dentro de consultórios ele foi além, pensava na aprendizagem do grupo em organizações e no trabalho com a sociedade. Como a sociedade aprende, quais as características de aprendizagem se apresentam? O modo como Visca articulou sua teoria de atendimento clínico certamente é adaptável para outros espaços onde houver situações de aprendizagem. No atendimento clínico ele propõe a seguinte ordem: o enquadramento, o contrato, o diagnóstico, dentro de cada passo há muitos desdobramentos, todos elaborados com o intuito de conseguir ver o indivíduo em situação de aprendizagem e a partir daí elaborar hipóteses que podem ser refutadas ou não. O instrumento EOCA (Entrevista operativa centrada na aprendizagem) é o primeiro passo para se observar o sujeito em ação, o primeiro contato e ainda anterior a testes, que vem em seguida, posteriormente a anamnese, a elaboração de informativo e por último a entrevista devolutiva.

Minha experiência com esse instrumento criado por Visca, a EOCA, foi como um momento mágico. Pela primeira vez estava diante de um sujeito perguntando e pedindo a ele que me mostrasse o que ele sabe, muito diferente do lugar em que ocupo como Pedagoga, mesmo que ainda seja uma professora ouvinte, estar diante do sujeito para estudá-lo em processo de aprendizagem onde somente ele nos dá os caminhos a serem seguidos foi uma das melhores experiências psicopedagógicas que vivi.

O modo de se organizar o diagnóstico, segundo a teoria de Visca, difere dentre outras coisas, dos outros testes existentes em que a anamnese só aparece após o primeiro contato do profissional com o cliente, que a meu ver ajuda o profissional a não estigmatizar, criar hipóteses sem observação e posteriormente diagnósticos sem veracidade. As pessoas que chegam ao consultório psicopedagógico não precisam de julgamentos prévios, muitas vezes eles já trazem a marca de algo que não são por patologizações errôneas.

Pichon-Rivière, psiquiatra e psicanalista suíço, contribuiu bastante para a compreensão das dificuldades de aprendizagem que para ele poderiam ser resultantes de ansiedades vividas pelos estudantes no momento em que é colocado em situação de aprendizagem. Denominou-as de medo à perda e medo ao ataque. O sentimento de perda, se dá pelo medo de perder o equilíbrio emocional, pois já possui conhecimentos anteriores, que podem ser reelaborados. E o medo ao

ataque, acontece quando não se sente confiante na situação nova que está vivendo. Para Pichon adquirir um novo conhecimento passa por três momentos em sequência: confusional, discriminação e integração. Poderíamos explicá-los da seguinte forma, como exemplo: quando uma atividade é proposta e não temos conhecimento sobre ela, estaríamos no primeiro momento, o confusional “o que é isso?” Em seguida começamos a separar fazendo associações com o que já sabemos, discriminação, para então integrar esse conhecimento a tudo que ele já sabe.

O modo como o indivíduo é exposto ao conhecimento determinará os próximos passos, para a aquisição ou não do mesmo. Por isso quando a escola apresenta conteúdos de forma inadequada, seja não condizente com sua estrutura cognitiva, seja em um modo de exposição não claro, a discriminação torna-se difícil e os próximos passos não acontecem.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO E PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA.

Mas afinal quem é esse profissional psicopedagogo que necessita de tantos recursos e conhecimentos para lidar com as dificuldades de aprendizagem? O responsável por conduzir esses sujeitos para superar os obstáculos que muitas vezes foram colocados sem o seu consentimento no caminho?

Segundo Visca (2010) a teoria da epistemologia convergente “é o esquema conceitual configurado em virtude da assimilação recíproca das contribuições das escolas psicanalista, psicogenética de Genebra e da psicologia Social.” (p.116). Os cursos de formação de psicopedagogos segundo essa teoria devem dar conta de formar profissional com um leque de fundamentações, mas esse profissional não é completo, está em formação como os sujeitos que atende, necessita de estudo contínuo para cada caso novo e aproveita sua experiência em prática para gerar novas versões de si mesmo. Durante o estágio coloquei toda a teoria aprendida em prática, somei a experiências já vividas, dialoguei com minha companheira e com meus mestres e ainda assim tive muitas dúvidas.

Um curso que forma psicopedagogos deve se propor a formar profissionais para diagnosticar, tratar, bem como prevenir as dificuldades de aprendizagem, pautados sobre a ética, conscientização da diversidade, valorização do pensamento reflexivo, respeito aos saberes das áreas afins em todos os ambientes onde a aprendizagem acontece, é o que diz as diretrizes de psicopedagogos do Brasil.

No entanto a garantia de termos profissionais prontos ao final de um curso de formação ainda é utópica, mas a prática irá cobrar os resultados de cada um que se propõe a essa atividade. A exemplo de nossos percursos argentinos ainda há muitos instrumentos que o psicopedagogo no Brasil não tem acesso para dar suporte a sua prática. De acordo com BOSSA

No Brasil não é permitido ao psicopedagogo recorrer a muitos dos instrumentos que são de uso do psicólogo. O psicopedagogo, que não tem formação em psicologia, quando a situação requer, solicita ao psicólogo ou, dependendo do caso, a outros profissionais (neurologistas, fonoaudiólogos psiquiatras), habilitados e de sua confiança, as informações necessárias para completar o seu diagnóstico.(BOSSA, 2007 p. 81)

Pude observar durante o estágio a extrema necessidade de supervisão desse trabalho e a falta de recursos a mais para um diagnóstico preciso, sentimento pessoal. A base teórica dos cursos atendem as perspectivas de visão geral da profissão e os primeiros passos, mas a necessidade de constante busca do conhecimento se faz muito presente. Segundo Weiss (2012 p.11), “a psicopedagogia não é para quem quer é, sobretudo, para quem pode. Não basta ter o domínio teórico e supõe, por parte do profissional, uma percepção refinadamente seletiva e crítica”.

As exigências para a atividade profissional do psicopedagogo vão ainda além da capacitação no uso de instrumentos avaliativos perpassam pelo preparo para lidar com o respeito às diversidades, evidentes em nosso país de dimensões continentais, o cuidado na transferência e contra transferência com seus clientes, a supervisão de seu trabalho e aporte de outros profissionais.

A Associação Brasileira de Psicopedagogia tem ajudado a construir a identidade do psicopedagogo brasileiro, por ser uma área interdisciplinar a necessidade constante de atualização e estudos se faz presente na prática

psicopedagógica. Durante o estágio vivenciei todo o prazer de estar diante na prática do meu objeto de estudo, mas senti justamente a necessidade constante de aporte teórico e aprofundamento nos estudos, assim como a psicopedagogia estuda a aprendizagem e esta é constante, diferente e mutante em cada indivíduo, a prática profissional deve seguir a mesma dinâmica.

Não podemos esquecer que a psicopedagogia não se faz apenas na clínica atuando em saúde e educação buscando prevenir e buscar uma relação prazerosa com o conhecimento facilitando sua construção, ela se desenvolve também na instituição desenvolvendo indivíduos. A abrangência é grande e a busca de autonomia vem acontecendo com o crescimento da oferta de cursos, mas os desafios para estabelecer-se como ciência de estudo da aprendizagem humana também.

Embora legitimada socialmente a profissão do Psicopedagogo ainda não foi regulamentada, estão em tramitação no governo projetos de lei que pretendem normatizar o exercício da profissão. Podemos entender, portanto o longo caminho e os grandes desafios que terão aqueles que se propuserem ao fazer psicopedagógico em todos os âmbitos sociais.

CAPÍTULO 4

ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO.

ENTREVISTA CONTRATUAL

Dados pessoais:

Cliente:

Nome: Gabriel	Idade: 8 anos
Série: 3º ano	
Endereço: Rua São Domingos, Nº 29, São Marcos. Casa.	
Colégio: Escola de 1º Grau Jesus Cristo, Mansão do Caminho, Pau da Lima.	
Turno: Matutino	

Mãe:

Nome: Ionelia lemos Zeferino Dias	Idade: 44
Profissão: carteira	Escolaridade: 2º grau completo
Estado civil: casada	

Pai:

Nome: Emerson Gil de Oliveira Dias	Idade: 44
Profissão: porteiro	Escolaridade: 2º grau completo
Estado civil: casado	

Irmão:

Nome: Matheus	Idade: 14 anos
Série: 9º ano	

Relatório:

No primeiro momento nos apresentamos como estudantes em conclusão do curso de psicopedagogia na Faculdade Bahiana de Medicina e que agora estávamos no momento do estágio. Pedimos a mãe para se apresentar e explicamos que iríamos pedir alguns dados pessoais para começarmos o atendimento. Quando pedimos os dados da criança como a série e perguntamos o turno em que ele estudava a mãe respondeu que ele estudava a tarde durante esse ano, mas devido ao fato de estar apanhando de um colega todos os dias, a mãe e o pai decidiram por trocar a criança de turno, e durante essa semana ele começou a estudar pela manhã. Quando perguntamos com que idade ele começou a estudar a mãe relatou que aos 2 anos foi o primeiro ano escolar, estudando na mesma escola que o irmão, porém a mãe não gostava do “sistema positivo”, segundo ela livros

utilizados pela escola. Relata que gostava dos livros para as crianças mais velhas como seu outro filho, mas acreditava que para as crianças menores seria de difícil compreensão.

A mãe então resolveu mudar a criança dessa escola, que era menor, e o matriculou em uma escola maior. A mãe relata que dos 2 aos 8 anos de idade esta é a quarta escola em que Gabriel estuda, tendo passado um ano em cada escola e na escola atual está há 2 anos e que somente nessa escola ele já mudou de professora 6 vezes devido a licença dos professores. Quando questionada do motivo da troca de escola ela informa outros dois motivos, um que o método de ensino não era bom, comparado por ela com outras escolas, inclusive uma que ela trabalhava como merendeira, então ela resolveu muda-lo e em outra escola devido a um episódio que ela conta ter acontecido durante a festa de dia dos pais.

Segundo a mãe a criança ensaiava há um tempo escondido em casa para a apresentação surpresa do dia dos pais, porém no dia da apresentação o pai, que tem problemas cardíacos, passou mau e não pode comparecer a apresentação, ele então pediu que ela filmasse o filho, mas ela para não deixar o marido sozinho, pediu que o filho mais velho o fizesse, porém a escola não permitiu e ela então o tirou da escola. Nesse momento ela nos fala que o filho mais velho é uma criança que “entra muda e sai calada”, pois é muito bem comportado e educado. Segundo a mãe Gabriel tem boa relação com o irmão, que brigam às vezes, mas um sempre defende o outro. Fala que o irmão é muito sozinho e não tem muitos amigos, já Gabriel é muito extrovertido.

A queixa da mãe em relação à criança é que ela não lê e nem escreve sozinha. Em alguns momentos ela diz que ele lê, em outros somente com ajuda. Relata que a professora copia em média 6 páginas por dia, e ele não consegue acompanhar, então ela combinou com um colega da turma para tirar foto do seu caderno todos os dias, ela então transcreve para uma folha e ajuda o filho a copiar, todos os dias isso é feito a noite, seja com a ajuda do pai, da tia ou do irmão, que muitas vezes não tem paciência o chama de burro.

Na escola alguns professores já falaram que ele tem preguiça, e que a mãe deveria bater na criança, outra escola há 2 anos atrás solicitou acompanhamento com psicólogo e o mesmo foi realizado durante 4 meses e depois interrompido por falta de tempo. A mãe já procurou ajuda na Apae, mas não conseguiu, já o levou ao

psiquiatra e já foi ao neurologista que somente após pedir para ele ler e escrever seu nome receitou Ritalina, que ela conta não ter dado, pois precisa de exames para comprovar se seu filho tem algo. Foi então a outro neurologista da Apae que fez vários exames físicos e de imagem e não foi detectado nada.

Segundo a mãe Gabriel usa óculos, lê muito mal, copia, mas não lê o que copia, separa as sílabas e é muito bom em matemática. Como não consegue acompanhar a escrita da professora acaba não escrevendo e chamando a atenção dos outros colegas, o que tem gerado diversos recados dos professores no caderno da criança diariamente, porém não é uma criança bagunceira. A mãe trouxe o caderno para a entrevista contratual. Ela já estava a caminho da sessão, mas resolveu voltar para casa e buscar o caderno, pois considerava importante que nos fosse mostrado.

Análise:

A mãe demonstrou bastante cuidado com a educação do filho, sempre preocupada em oferecer o melhor para ele, acompanha todos os passos do filho na escola junto com o pai, desde apresentações ao dia a dia dos conteúdos.

O filho mais velho é bastante quieto e vai bem na escola o que pode gerar certa comparação e exigência excessiva de Gabriel por parte dos pais. A mãe é bastante dedicada ao filho e o leva com frequência a profissionais em busca de ajuda.

A mudança constante da criança de escola, bem como a troca de professores e colegas, pode estar afetando o vínculo com a aprendizagem sistemática que ele tem mais dificuldade, no caso a escrita. A mãe está bastante ansiosa para que o filho leia e escreva sozinho e o estimula a fazer isso o tempo todo.

PROTOCOLO REGISTRO E O C A
(ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM)

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

REGISTRO DA EOCA	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: Olá tudo bem Gabriel? Meu nome é Carina e essa aqui é minha parceira Anne.</p> <p>C: Tudo bem.</p> <p>Pp: sua mãe te falou que você vinha aqui?</p> <p>C: Sim.</p> <p>Pp: Ela te falou o que você iria fazer aqui?</p> <p>C: não.</p> <p>Pp: você veio aqui para a gente fazer algumas atividades e você me mostrar o que sabe fazer, o que te ensinaram e o que você aprendeu. Você conhece esses materiais?</p> <p>C: Sim. Hidrocor, massinha, papel, tesoura.</p> <p>Pp: O que mais?</p> <p>C: só.</p> <p>Pp: Gostaria que você me mostrasse o que sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que você aprendeu a fazer. Para isso, poderá utilizar esse material, ele está a sua disposição.</p> <p>C: pega o pote de massinha, tenta tirá-la e diz que está muito duro, então pega o outro pote e fica um tempo tentando retirar a massinha, falando que está duro e que sabe fazer uma caneca. Está aqui. Da pra fazer uma jarra de café também, mas precisa de muita massinha. E fica pensando.</p>	<p>Ao entrar na sala já comenta sobre o tapete.</p> <p>Não nomeia os materiais livros e revistas.</p> <p>Após consiga olha para os materiais e fica pensando.</p> <p>Demonstra dificuldade para abrir o pote.</p> <p>Senta-se a vontade, depois se levanta algumas vezes, mexe-se muito, apoia o braço no encosto da cadeira, baixa a cabeça e bate na mesa.</p>

<p>Pp: Você pode desenhar, escrever, fazer alguma coisa de matemática, ou o que vier a sua cabeça.</p> <p>C: eu estou pensando, tem muita coisa que eu sei desenhar. Vou precisar do blue, green, orange. Vou fazer uma florestinha, vou fazer um 3 depois outro 3, você deve estar se perguntando o que eu estou fazendo neh? Já estou perdendo a paciência com esse desenho.</p> <p>Pp: porque?</p> <p>C: demora muito ainda falta fazer a casa, e outras coisas.</p> <p>Pp: o que você está desenhando?</p> <p>C: Uma casa uma árvore uma borboleta e só.</p> <p>Pp: Você pode escrever o seu nome no desenho para eu saber que é seu?</p> <p>C: sim. Você pensa que é fácil escrever de cabeça para baixo? Tem que escrever tudo ao contrário. Eu sujei meu caderno de desenho com massinha, pensei que era giz de cera.</p> <p>Pp: e porque você escreve de cabeça para baixo?</p> <p>C: porque às vezes eu gosto.</p> <p>Pp: Você gosta de desenhar?, pergunto e ele não ouve, repito.</p> <p>C: Agora minha filha aquele caderno já era.</p> <p>Pp: Como é o seu nome todo.</p> <p>C: fala o nome.</p> <p>Pp: você gostaria de escrever o seu nome todo no desenho?</p> <p>C: não porque não tem espaço, e eu não sei escrever com a letra assim...(demonstra risco pequeno).</p> <p>Pp: você já me mostrou que que sabe fazer uma caneca, que sabe desenhar, o que mais você sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que você aprendeu a fazer? Para isso, poderá utilizar esse</p>	<p>Amassa a massinha e fala que está muito grande, tira um pouco e fala que agora está bom, primeiro faz a aza da caneca, depois enrola a massinha e faz um furo algumas vezes até concluir a caneca. Fala que é mais fácil fazer o furo da caneca com a caneta do que com o dedo, mas não o faz. Fica novamente pensando o que vai fazer sem olhar para os materiais. Guarda a massinha no pote e fecha.</p> <p>Pega o hidrocor e começa a listar as cores que vai precisar em inglês corretamente (azul, preto, verde) procura o laranja e não acha então procura em outra caixa de hidrocor maior. Comenta várias vezes que nunca viu um hidrocor tão grande.</p> <p>Começa o desenho pintando a parte inferior da folha, depois faz uma casa, então vira o desenho de cabeça para baixo e faz uma árvore, e uma borboleta.</p> <p>Enquanto pinta dentro do desenho, pinta com força e sem olhar para o papel.</p>
---	---

<p>material, ele está a sua disposição.</p> <p>C: humm</p> <p>Pp: Você sabe ler?</p> <p>C: sei pouco e muito mau.</p> <p>C: esse livro está errado, vou pegar outro. Esse também está errado.</p> <p>Pp: você já me mostrou que que sabe fazer uma caneca, que sabe desenhar, que sabe ler, o que mais você sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que você aprendeu a fazer? Para isso, poderá utilizar esse material, ele está a sua disposição.</p> <p>C: ninguém me ensinou a ler, eu só sei fazer com essas coisas, hidrocor, papel, fora esse livros, esse ai eu não sei.</p> <p>Pp: você pode desenhar, fazer algo de matemática.</p> <p>C: de matemática eu sei fazer cálculo.</p> <p>Pp: você poderia me mostrar?</p> <p>C: Eu sei recortar.</p> <p>Pp: Voc~e pode utilizar todos esse material.</p> <p>C: não eu vou fazer um boneco e cortar ele todo assim ô. Acho que o tempo da consulta já está acabando neh? Esse boneco demora uma hora para fazer e recortar se eu “acerelar” posso fazer mais rápido.</p> <p>Pp: você pode dar um nome para esse desenho.</p> <p>C: Eu não dou nome pro desenho, só se eu tirar de algum lugar, mas acho que esse pode ser moço com a boca aberta.</p> <p>Pp: Você pode escrever o nome do desenho para mim?</p> <p>C: não porque eu vou recortar.</p> <p>Pp: você pode escrever em outro lugar?</p> <p>C: só se eu fizer do lado.</p> <p>Pp: por hoje é só nos encontraremos duas vezes na próxima semana, tudo bem?</p>	<p>Derruba o hidrocor várias vezes no chão.</p> <p>Aparenta ter boa lateralidade.</p> <p>Conversa bastante enquanto desenha, canta bastante também.</p> <p>Olha para os lados, coloca a cabeça para trás e fecha os olhos enquanto pinta.</p> <p>Escreve o nome de cabeça para baixo.</p> <p>Deixa todos os objetos espalhados pela mesa.</p> <p>Rabisca as folhas que estão em volta além do papel a4.</p> <p>Aparenta ter boa noção do tempo, horas minutos e segundos.</p> <p>Após afundar a ponta do hidrocor fala que em sua casa só dura hidrocor alguns segundos e que sua mãe só compra giz de cera.</p> <p>Observa a mistura de cores</p>
---	--

<p>C: posso levar esse desenho pra casa? Pp: esse eu gostaria de ficar. C: posso levar uma folha para desenhar em casa? Pp: sim.</p>	<p>enquanto desenha.</p> <p>Fala que odeia hidrocor. É difícil de abrir.</p> <p>Demonstra impaciência em continuar o desenho.</p> <p>Pega um gibi da turma da Mônica e tenta ler durante um tempo, com o livro no colo.</p> <p>Enquanto faz o boneco canta bastante.</p> <p>Resistencia a escrever. Somente escreve o primeiro nome.</p> <p>Corporalmente agitado.</p>
---	--

Análise:

Demonstra conduta evitativa com objetos de leitura e resistência a escrita, muito inquieto, impaciente e ansioso conversa demais e não presta atenção total ao que está fazendo. Demonstra desorganização com os objetos físicos, no entanto aparenta ter um boa noção de tempo e conhecimento de mundo, bem como alguns conceitos matemáticos como hora, minutos segundo, maior menor, fino, grosso. Inteiro, metade. Força, impacto. Estágio de pensamento: talvez em transição entre o pré-operatório e o operatório concreto.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos.

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: me fale sobre esse material. C: peças. Pp: quantas fichas brancas e pretas tem aqui? C: 10 de cada. Pp; qual a cor que você prefere? C: branca. Pp: as suas fichas serão as brancas e as minhas serão as pretas. Pp: gostaria que você colocasse a mesma quantidade de fichas que as minhas na mesa. Pp: tem mais menos ou a mesma quantidade? C: mesma quantidade. Pp: pode me explicar? C: aqui tem 10, você tirou 4 não foi? Pp: o que você acha? Pp: e agora tem mais, menos ou a mesma quantidade? C: mesma quantidade. Pp: pode me explicar? C: tem 8 em cada.</p>	<p>Apresentação do material</p>	<p>Coloca 10 fichas na mesa.</p> <p>Começa a contar as fichas e então coloca 6 juntas. Constata a quantidade.</p>

<p>Pp: E agora a minha fila tem mais menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: mesma quantidade.</p> <p>Pp: pode me explicar?</p> <p>C: fica pensando.</p> <p>Pp: E agora a minha fila tem mais menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: a mesma quantidade, só que tamanhos diferentes.</p> <p>Pp: Mas a minha fila está maior que a sua não tem mais?</p> <p>C:é porque você espichou mais. Tem a mesma quantidade só que está maior.</p> <p>Pp: E agora a minha fila tem mais menos ou a mesma quantidade que a sua?</p> <p>C:Sim.</p> <p>Pp: o meu parece menor que o seu, não tem menos quantidade?</p> <p>C: não.</p> <p>Pp: pode me explicar?</p> <p>C: O seu está mais encolhido. Você tem 6. Tem a mesma quantidade porque são do mesmo tamanho.</p> <p>Pp esconde todas suas fichas em baixo da mão e pergunta quantas fichas eu tenho?</p> <p>C: você tem 10.</p> <p>Pp: porque?</p> <p>C: conta suas fichas e responde 10.</p> <p>Pp: porque?</p> <p>C: Porque nós tínhamos a mesma quantidade.</p>		<p>Tenta pegar nas fichas.</p> <p>Conserva com argumento de identidade.</p> <p>Conserva com argumento de identidade.</p> <p>Conserva com argumento de identidade.</p> <p>Conserva com argumento de reversibilidade.</p>
--	--	---

ANÁLISE:

Gabriel demonstra ser uma criança conservadora utilizando na maior parte do tempo argumento de identidade. Demonstra agitação e um pouco de falta de limite.

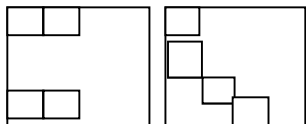
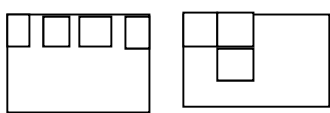
POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Conservação de superfície.

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: Fale me sobre esse material C: Papel pintado de verde Pp: Eles são iguais? C: Sim Pp: Porque? C: porque os dois tem a mesma cor e são feitos do mesmo material. Parece uma grama. Pp: o que você me diz sobre esses quadradinhos? C: quadrado no papel vermelho. Pp: Quantos tem? C:12. Pp: Vamos fazer de conta que nos temos dois campos de pasto, se uma vaquinha comesse o pasto desse campo(a), comeria a mesma quantidade nesse outro campo, ou ela comeria um pouco mais ou um pouco menos? C: um pouco menos. Pp: porque? C: as duas gramas são muito grandes. Pp: Ela(vaca) está nesse campo de cá (a). Eu vou colocar um quadradinho</p>	<p>Apresentação do material</p> <div style="text-align: center;"> <div style="display: inline-block; border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 5px;">A</div> <div style="display: inline-block; border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 5px; margin-left: 20px;">B</div> </div> <div style="text-align: center;"> <div style="display: inline-block; border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 5px;"> <div style="border: 1px solid black; width: 10px; height: 10px; margin: 2px;"></div> </div> <div style="display: inline-block; border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 5px; margin-left: 20px;"> <div style="border: 1px solid black; width: 10px; height: 10px; margin: 2px;"></div> </div> </div>	<p>Constata que são iguais.</p> <p>Não conserva</p>

<p>mesma quantidade?</p> <p>C: a mesma quantidade.</p> <p>Pp: poderia me explicar o porque?</p> <p>C: porque tem quatro casinha aqui (a) e tem quatro casinhas ali.(b).</p> <p>Pp: Será que neste campo onde as casinhas estão separadas(b) a vaquinha não vai comer mais do que neste outro que as casinhas estão juntas(a)?</p> <p>C: Mais nesse (b), pois essas casinha tem mais espaço do que essa daqui (a).</p> <p>Pp: você não me disse que elas tinham a mesma quantidade de casa quando estavam juntas?</p> <p>C: sim, mas aqui (b) tem mais espaço, então elas estão comendo mais do que essa (a).</p> <p>Pp: e se o dono desse pasto vai colocar as casinhas assim (b). A vaquinha comerá mais menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: Come menos aqui (b).</p> <p>Pp: você poderia me explicar?</p> <p>C: aqui (a) tem mais espaço do que lá (b).</p> <p>Pp: então comerá mais menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: menos (b).</p> <p>Pp: o dono desse pasto vai colocar as casinhas agora de uma outra maneira. A vaquinha comerá mais menos ou a</p>	 	<p>argumento de identidade.</p> <p>Não conserva</p> <p>Não conserva</p> <p>Não conserva</p>
---	--	---

mesma quantidade? C: aqui (b) ela come menos. Pp: você poderia me explicar? C: porque aqui (b) tem menos espaço.		
---	--	--

ANÁLISE:

Gabriel demonstrou estar no nível intermediário de conservação nessa prova, em algumas modificações conservou utilizando argumento de identidade e em outras não conservou. Estava muito agitado.

PROTOCOLO REGISTRO
PROVA PROJETIVA: PAR EDUCATIVO

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

PROVA PROJETIVA: PAR EDUCATIVO	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: Eu gostaria que você desenhasse duas pessoas, uma que ensina e outra que aprende. Entrega uma folha a4 e um lápis preto.</p> <p>C: não dá para desenhar dois “bunecão” minha filha , e então começa a desenhar.</p> <p>Pp pergunta quantas pessoas você desenhou?</p> <p>G: 5</p> <p>Pp: como se chamam?</p> <p>G: pró e alunos.</p> <p>Pp: como é o nome dessa Pró?</p> <p>G; pode ser pró Laura</p> <p>Pp: você pode escrever aqui o nome dela?</p> <p>G: sim.</p> <p>Pp: ela é a pessoa que ensina?</p> <p>G: sim</p> <p>Pp: e quem são as pessoas que aprendem?</p> <p>G:Crianças</p> <p>Pp: e como é o nome dessas crianças?</p> <p>G: meu cabelo cresce rápido.</p> <p>Pp: você pode me dizer os nomes?</p> <p>G: Lara, Ricardo, Alvin, Alana.</p> <p>Pp: você conhece essas pessoas?</p> <p>G: Não.</p> <p>Pp: como você escreveu o nome delas?</p>	<p>Gabriel fica impaciente e faz</p>

<p>G: Ricardo é meu primo, as outras de uma história. Pp: que idade essas pessoas possuem? G: Gabriel coloca, 45, 8, 10 e 9. Pp: o que está acontecendo no desenho? G: é uma sala de aula. Pp: a professora está ensinando o que? G: Matemática. Passou um relógio na minha cabeça agora. Pp: Qual seria o título do seu desenho? G: Escola, vou escrever gigante. Pp: você poderia escrever uma história sobre seu desenho? G: mordi a língua. Pp: se você não quiser escrever, você pode contar a história. G: eu quero escrever. Que horas são? Pp: 18h G: 18 é seis neh? Pp: você vai escrever ou vai nos contar a história? G: posso escrever o nome da escola? Escreve "Miqele".</p>	<p>barulhos com a boca, demora para falar o nome das crianças solicitado.</p> <p>Escola (escreve).</p> <p>Escreve no quadro do desenho da sala</p> <p>Gabriel demora para escrever, fica pensando.</p>
--	--

ANÁLISE:

Gabriel demonstra uma relação de aprendizagem formal, com o professor a frente da turma e os alunos sentados enfileirados para aprender, não se desenha, mas desenha pessoas que gosta, como seu primo e personagens fictícios. Observamos o vínculo negativo de Gabriel com a atual escola. A construção do seu desenho não foi harmoniosa, revelando um pensamento desorganizado onde não se identificou, além de ter ignorado, por algumas vezes, a consigna solicitada, como em "pode me dizer quem são essas pessoas?" Parece ter um vínculo positivo com a escola Miquele, a primeira escola em que estudou.

COMPREENSÃO LEITORA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

Série: 3º ano fundamental

Texto: Bebê Elefante

1. Antes da leitura:

Apresentamos o texto e a imagem à Gabriel e solicitamos que ele realizasse a leitura silenciosa. Antecipou-se dizendo: “eu não sei ler”. A psicopedagoga repetiu: “você vai ler pra você mesmo, silenciosamente”. Então pegou o texto.

2. Durante a leitura silenciosa:

Aproximou bastante o texto dos olhos, mexeu-se na cadeira o tempo todo. Não demonstrou nenhum interesse e não se concentrou. Mexeu nos óculos algumas vezes.

3. Durante a leitura oral:

Nenhum interesse ou concentração. Aproximou bastante o texto dos olhos e em alguns momentos utilizou o dedo para acompanhar algumas sílabas, mesmo parecendo estar lendo algumas das sílabas, logo em seguida não sabia dizer o que havia lido.

4. Depois da leitura:

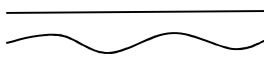
Não soube dizer do que o texto tratava. Com a ajuda da psicopedagoga, lembrou-se que o texto falava de elefantes. Não apresentou as ideias do texto, nem fez inferências a partir de seu conhecimento prévio. Resistência muito grande a leitura, ressaltando todo o tempo que não sabe ler ou que ninguém o ensinou a ler. Vínculo negativo com a leitura e com a escrita.


POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Conservação de comprimento.

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: O que você pode me dizer sobre esse material?</p> <p>C: são duas correntes.</p> <p>Pp: Gostaria que você me dissesse se são do mesmo tamanho</p> <p>C: são diferentes.</p> <p>Pp: como sabe?</p> <p>C: Uma é maior e outra é menor.</p> <p>Pp: Neste caminho(a) há a mesma quantidade para andar que nesse (b)?</p> <p>C: Não</p> <p>Pp: me explique</p> <p>C: esse é maior(b) e esse é menor (a)</p> <p>Pp: agora vamos pensar que esses são 2 caminhos e que duas formigas vão andar por eles o seu é o (a) e o meu é o (b). E agora há a mesma quantidade para andar em (a) e em (b)?</p> <p>C: Não. Porque pode ser curvado, mas é maior e essa (a) está em linha reta se ela corresse ela chegava antes.</p> <p>Pp: eu acho que se a formiga for por aqui (a) ela vai andar mais.</p> <p>C: Não.</p>	<p>Apresentação do material.</p> <p>A _____</p> <p>B _____</p> <p>.</p> <p>1ª modificação do elemento experimental</p>  <p>Contra-argumentação com terceiro.</p> <p>2ª modificação do</p>	<p>Quase deitado na mesa, com as mãos no queixo, numa postura impaciente.</p> <p>Conserva o comprimento. Sem argumento</p> <p>Conserva com argumento de identidade.</p>

<p>Pp: agora eu vou mudar o caminho. Qual formiga vai andar mais menos ou elas vão andar a mesma quantidade?</p> <p>C: Essa aqui (b) vai andar mais. Porque pode estar curvado, mas nunca vai ter a mesma quantidade. Uma é maior do que a outra se a gente dobrar, pode ficar curta, mas é maior.</p> <p>Pp: Eu acho que aqui (a) ela vai andar mais, pois veja em (b) o espaço está menor.</p> <p>C: não, aqui (b) anda mais.</p>	<p>elemento experimental</p> 	<p>Conserva com argumento de reversibilidade.</p>
---	---	---

ANÁLISE:

Gabriel demonstra ser conservador utilizando argumento de identidade e de reversibilidade. Realizou a prova impaciente.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Conservação de quantidade de líquido

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: O que você pode me dizer sobre esse material? C: parece óleo Pp: Você não poderá pegar no material C: Hum. Pp: Vou colocar o líquido nesses potes e vamos fazer uma atividade. C: esse cheiro é de guaraná. Pp: O que acha desses copos? Parecem-lhe iguais? C: sim. Pp: me explique. C: são do mesmo tamanho e do mesmo material. Pp: como você sabe? C: por que são iguais. Pp: escolha uma das garrafas com líquido C: sim Pp: vou colocar esse líquido até a metade desse copo e quero que com o seu líquido, você faça o mesmo. C: coloquei a mesma quantidade.</p>	<p>Reconhecimento do material.</p> <p>Reconhecimento da igualdade inicial.</p>	<p>Ficou interessado nos líquidos. Tentou pegá-los.</p>

<p>Pp: como você sabe?</p> <p>C: aqui ó, estão do mesmo tamanho.</p> <p>Pp: Se eu bebo todo o líquido deste copo e você todo deste, beberemos a mesma quantidade ou um beberá mais e o outro menos?</p> <p>C: beberemos igual. A mesma quantidade.</p> <p>Pp: E agora? Transferência para o copo alto e fino. Este tem mais, menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: a mesma quantidade só muda a forma.</p> <p>Pp: Explique-me porque razão acha isso.</p> <p>C: porque tem a mesma quantidade de líquido.</p> <p>Pp: vc não acha que nesse copo que é alto, comprido e fino há mais quantidade de líquido?</p> <p>C: não. Tem a mesma quantidade.</p> <p>Pp: uma vez um garoto da mesma idade que a sua me disse que nesse copo mais alto há mais líquido.</p> <p>C: esse menino é burro. Tem a mesma quantidade. O copo é fino e alto, parece que tem mais, mas não tem</p> <p>Pp: passamos o líquido para o vaso de vidro mais baixo e mais largo. E agora, o que lhe parece? Vamos ter nesse mais, menos ou a mesma quantidade?</p> <p>C: A mesma quantidade.</p> <p>Pp: como sabe?</p> <p>C: porque a quantidade de líquido não</p>	<p>Pergunta de reafirmação.</p> <p>Modificação do elemento experimental.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p> <p>Modificação do elemento experimental.</p> <p>Contra argumentação.</p>	<p>Conserva com argumento de reversibilidade, fazendo referência ao inicial.</p> <p>Conserva com argumento de identidade.</p>
--	--	---

<p>mudou. Só os frascos.</p> <p>Pp: mais não lhe parece que tem mais?</p> <p>C: parece , mas não tem.</p> <p>Pp: E se eu voltar para o primeiro copo? Teremos a mesma quantidade?</p> <p>C: sim.</p> <p>Pp: Passa o líquido para os quatro vasilhinhos pequenos. E agora? Se eu beber o líquido desses quatro vasilhinhos pequenos e vc beber o líquido deste outro copo (o copo inicial), será que nós beberemos a mesma quantidade de líquido ou um beberá mais e o outro menos?</p> <p>C: a mesma quantidade.</p> <p>Pp: Como sabe?</p> <p>C: eu sei. Já disse. É o mesmo líquido.</p>	<p>Modificação do elemento experimental.</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação.</p>	<p>Conserva com argumento de reversibilidade.</p>
---	---	---

Análise:

Gabriel conserva com argumento de reversibilidade, pois estima que o elemento modificado volta a seu estado anterior em todas as modificações. Aparenta ter problemas com limites e parece sempre muito ansioso.

PROTOCOLO REGISTRO
PROVA PROJETIVA: FAMÍLIA EDUCATIVA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

PROVA PROJETIVA: FAMÍLIA EDUCATIVA	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: gostaria que você desenhasse sua família, fazendo o que cada um sabe fazer</p> <p>Pp: Quem são essas pessoas?</p> <p>C: Meu irmão Matheus no computador, eu no celular e meus pais dormindo.</p> <p>Pp: Diga-nos o nome de cada uma e suas idades</p> <p>C: Matheus, 14 anos; Ionélia, 43 anos e Emerson, 44 anos.</p> <p>Pp:O que cada um está fazendo? O que cada um sabe fazer?</p> <p>C: Matheus está no computador; meus pais estão dormindo. Meu irmão sabe ficar no computador.</p> <p>Pp: Eles te ensinam alguma coisa? Tem alguma coisa que você gostaria de aprender com eles?</p> <p>C: Não respondeu a essa consiga.</p>	<p>Reluta em fazer o desenho, conversa sobre outros assuntos.</p> <p>Os pais em um quarto e as crianças em outro quarto.</p>

<p>Pp: Dê um título ao seu desenho</p> <p>C: A minha casa.</p> <p>Pp: O que você poderia escrever sobre o seu desenho?</p> <p>C: Nada. Eu já te disse.</p>	<p>Escrita silábica.</p>
--	--------------------------

ANÁLISE:

Gabriel demonstrou um vínculo positivo com a família. . O irmão, conforme relatos constantes de Gabriel vive no celular ou no computador; os pais, deixam-no com o irmão sem determinar sua hora de dormir, por exemplo. São pouco exigentes. Parece existir uma falta de limites. A casa parece um referencial importante, seguro. O celular e o computador estão muito presentes. Pouca ou nenhuma situação de aprendizagem significativa. Resistência a escrever um título, nome das pessoas ou qualquer outra coisa.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Interseção de classes

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: o que me diz sobre esse material?</p> <p>C: parece uma quadra de futebol com bolinhas e quadrados.</p> <p>Pp; Você poderia me dizer porque eu pus as redondas e amarelas no meio?</p> <p>C: não sei.</p> <p>Pp: há mais fichas vermelhas ou azuis?</p> <p>C: azuis.</p> <p>Pp: você pode me mostrar?</p> <p>C: aqui 10.</p> <p>Pp: há mais fichas quadradas ou fichas redondas?</p> <p>C: conta as fichas redondas. Redonda.</p> <p>Pp: há a mesma coisas, mais ou</p>		<p>Conta as fichas azuis.</p> <p>Vai para debaixo da mesa.</p>

<p>menos fichas redondas do que vermelhas?</p> <p>C: a quadrada tem cinco, tem mais redonda.</p> <p>Pp: há a mesma coisas, mais ou menos fichas quadradas do que vermelhas?</p>		<p>Agitado.</p> <p>Não responde, desinteressado.</p>
---	--	--

ANÁLISE: Em função da conduta de Gabriel, não foi possível realizar a prova.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Mudança de critério - Dicotomia

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: o que você poderia me dizer sobre esse material?</p> <p>C: bolinha de borracha feita do mesmo material.</p> <p>Pp: gostaria você colocasse juntas todas as fichas que combinam, as que são iguais ou que tem alguma coisa igual.</p> <p>Pp: você poderia me explicar como separou?</p> <p>C: eu fiz uma torre azul e outra vermelha.</p> <p>Pp: está vendo essas duas caixas? Agora eu gostaria que você fizesse apenas dois grupos e colocasse nestas duas caixinhas.</p> <p>Pp: porque essas estão juntas?</p>	<p>Classificação espontânea.</p> <p>Pergunta de investigação.</p> <p>Dicotomia</p>	<p>Faz 2 torres uma com as peças azuis e outra com as peças vermelhas.</p> <p>Separa novamente uma a uma utilizando o critério de cor, vermelhas em uma caixa e azuis em outra.</p> <p>Brinca com o material e não</p>

<p>Pp: Gostaria que você separasse de outro jeito as que se parecem.</p> <p>Pp: porque essas estão juntas?</p> <p>C: Porque são azuis e vermelhas.</p> <p>Pp: Mas eu te pedi uma forma diferente, essa você já fez, azuis e vermelhas.</p>	<p>1ª mudança de critério.</p>	<p>responde.</p> <p>Separa as bolas grandes, pequenas, quadrados grandes e pequenos, mas não utiliza todas as peças.</p> <p>Brinca com as peças.</p> <p>Não responde.</p>
--	--------------------------------	---

ANÁLISE:

Gabriel utilizou um critério para fazer dois grupos e o manteve apenas alterando o formato das peças utilizando ainda um único critério que ele consegue explicar, mas consegue fazer pequenos grupos não figurais, segundo de diferentes critérios, mas são coleções justapostas sem ligação entre si. Está no nível I de classificação.

PROTOCOLO REGISTRO
PROVA PROJETIVA: EU E MEUS COMPANHEIROS

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

PROVA PROJETIVA: EU E MEUS COMPANHEIROS	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: Gostaria que você se desenhasse e desenhasse seus companheiros.</p> <p>C: não sei o nome de todo mundo não.</p> <p>Pp: o que você pode me dizer sobre os seus colegas?</p> <p>C: não sei o nome.</p> <p>Pp: Você não tem nenhum amigo?</p> <p>C: Eu tinha, mas agora eu passei para a manhã e não tenho mais.</p> <p>Pp: Você poderia escrever um título para esse desenho?</p> <p>C: Sim a escola.</p> <p>Pp: Você poderia me contar algo sobre esse desenho?</p> <p>C: Minha memória é fraca, lembro não.</p>	<p>Começa a desenhar.</p> <p>Desenha a sala de aula no canto de baixo da folha com a mesa da professora a frente, os alunos enfileirados e ele um pouco destacado dos outros alunos, no meio da sala. Não desenha a professora.</p> <p>Escreve "A Escola"</p> <p>Fica rodando o boné com o dedo. Desinteressado.</p>

ANÁLISE:

Gabriel demonstra pouco vínculo com a aprendizagem sistemática.

PROTOCOLO REGISTRO
PROVA PROJETIVA: QUATRO MOMENTOS DO DIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

PROVA PROJETIVA: QUATRO MOMENTOS DO DIA	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: Gostaria que você desenhasse 4 momentos do seu dia, para isso eu dividi a folha em 4.</p> <p>C: minha filha não vai caber ai não.</p> <p>Pp: o que você desenhou ai?</p> <p>C: Dormindo, no celular na cama da minha avó, tomando banho e jantando.</p> <p>Pp: Gostaria que vocês escrevesse o que está fazendo em cada momento.</p> <p>Pp: Você poderia dar um título para esse desenho?</p> <p>C: O meu dia.</p>	<p>Começa a desenhar.</p> <p>Escrita silábica.</p> <p>Não escreve o título.</p>

ANÁLISE: Gabriel demonstrou pouco vínculo com a aprendizagem sistemática.

<p>saber?</p> <p>Pp: qual lugar que você mais gosta?</p> <p>C: aqui oh onde fica minha bicicleta, que eu finjo que é moto e minha caixa de brinquedos, lá na laje é muito grande.</p>	
---	--

ANÁLISE:

Gabriel demonstrou pouco interesse em fazer essa atividade, pouco vínculo com a aprendizagem sistemática e apresentou uma escrita silábico-alfabética dos cômodos de sua casa.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Quantificação da inclusão de classes

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: você conhece algumas flores?</p> <p>C: Sim</p> <p>Pp: quais flores você conhece?</p> <p>C: flores rosas e margaridas. Queria saber porque tudo que a gente trabalha tem que ser de borracha, de madeira...</p> <p>Pp: As margaridas são flores? As rosas são flores?</p> <p>C: Sim.</p> <p>Pp: neste ramo há mais margaridas ou mais flores?</p> <p>C: há mais flores, não mais margaridas.</p> <p>Pp: você poderia me explicar porque?</p>	<p>Pergunta exploratória sobre o conhecimento dos elementos.</p> <p>Pergunta exploratória do conhecimento de termo da classe e da hierarquia de classes.</p> <p>Pergunta de comparação do número de elementos da subclasse e da classe</p>	<p>Quer brincar com o material.</p> <p>Resposta de reconhecimento do termo e da hierarquia de classes</p>

<p>Há mais margaridas ou mais flores?</p> <p>C: mais margaridas.</p> <p>Pp: você não me disse antes que as margaridas e as rosas são flores?</p> <p>C: há mais flores.</p> <p>Pp: você poderia me explicar porque?</p> <p>C: porque todas são flores.</p> <p>Pp: duas meninas Maria e Joana querem fazer um ramalhete. Maria quer usar as margaridas e Joana quer usar as flores. Qual delas vai fazer o ramalhete maior?</p> <p>C: Joana.</p> <p>Pp: poderia me explicar porque?</p> <p>C: porque ela vai usar todas, todas as flores.</p> <p>Pp: se eu lhe der as margaridas, o que sobra no ramalhete?</p> <p>C: as rosas.</p> <p>Pp: se eu lhe der as flores o que sobra no meu ramalhete?</p>	<p>Pergunta de subtração que implica em quantificação da inclusão que requer reversibilidade.</p> <p>Pergunta de subtração de todos os elementos da classe.</p>	<p>Resposta de comparação do número de elementos da subclasse com os da classe.</p> <p>Resposta a quantificação da inclusão que não requer reversibilidade.</p>
--	---	---

<p>C: nada.</p> <p>Pp: poderia me explicar porque?</p> <p>C: porque você vai me dar todas as flores.</p> <p>Pp: se eu faço um ramalhete com todas as margaridas e você um ramalhete com todas as flores quem fará mais eu ou você?</p> <p>C: Eu.</p> <p>Pp: poderia me explicar porque?</p> <p>C: porque todas são flores.</p>	<p>Pergunta de quantificação da inclusão que requer reversibilidade.</p>	<p>Resposta a quantificação da inclusão que requer reversibilidade.</p>
--	--	---

ANÁLISE:

Gabriel responde assertivamente a todas as perguntas demonstrando a existência da quantificação inclusiva de classes.

POTOCOLO REGISTRO PROVA OPERATÓRIA

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos.

PROVA: Seriação de bastonetes

REGISTRO	ESTRATÉGIA DO ENTREVISTADOR	CONDUTAS DO ENTREVISTADO
<p>Pp: o que você pode me dizer sobre esse material?</p> <p>C: madeira dura, um pouquinho frágil e fina.</p> <p>Pp: você poderia colocar essas madeiras em ordem, do maior para o menor ou do menor para o maior.</p> <p>C: compara as madeiras dois a dois começando pelo maior, comparando com os demais. Deixando as em pé.</p> <p>Pp: não precisa ser em pé.</p> <p>C: Termina a seriação com os palitos deitados.</p> <p>Pp: coloque este palito onde corresponde.</p> <p>C: o coloca corretamente.</p>	<p>Consigna</p>	<p>Reconhecimento do material.</p> <p>Dificuldade em ordenar as madeiras em pé.</p> <p>Seriação a descoberto.</p> <p>Inclusão.</p>

<p>Pp: Agora você vai me dar os palitos um a um, do menor para o maior, ou do maior para o menor. Eu vou colocá-los atrás dessa pasta na ordem que você vai me dando.</p> <p>C: Entrega com apenas 1 fora da ordem.</p> <p>Pp: tira o anteparo.</p> <p>C: ah, deixar só eu ajeitar esse aqui.</p>		<p>Seriação com anteparo.</p> <p>Compara dois a dois.</p>
---	--	---

ANÁLISE:

Gabriel incluiu todos os elementos de forma correta durante a seriação a descoberto, bem como incluiu o palito que faltava, na seriação com o anteparo coloca uma palito fora da ordem, e o corrige quando descoberto. Êxito obtido para sua idade.

PROTOCOLO REGISTRO
ANAMNESE

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Idade: 8 anos

Mãe: Ionelia lemos Zeferino Dias

ANAMNESE	OBSERVAÇÕES DO Pp
<p>Pp: Olá tudo bem? Gostaria de explicar que hoje nós vamos conversar um pouco sobre como foi a entrada do Gabriel na família, e como foi o desenvolvimento dele durante esse anos, para isso eu vou te fazer algumas perguntas.</p> <p>Pp: Como foi a concepção do Gabriel?</p> <p>M: Eu e o pai decidimos ter um outro filho, então eu parei de tomar as injeções, como demorou e não veio, já tínhamos desistido, foi quando eu descobri que estava grávida, perto do dia dos pais. Matheus (o outro filho), tinha muita vontade de ter um irmão. Gabriel foi desejado. Trabalhei até o último dia, mas poucos dias antes de ter Gabriel descobri uma infecção urinária, mas foi tranquilo.</p> <p>Pp: O parto foi normal ou Cesária.?</p> <p>M: Dos dois foi Cesária, apesar de querer normal, não pude.</p> <p>Pp: Como foi para você e Gabriel a amamentação?</p>	<p>Gravidez desejada, planejada e tranquila.</p> <p>Demonstra preocupação e cuidado com o filho.</p> <p>Compara o desenvolvimento do Gabriel com o do irmão.</p>

M: eu amamentei até os 4 meses, pois voltei a trabalhar, então eu deixava o leite até os 9 meses, mas eu comecei a ter crises de asma e rinite e tomava muito corticóide, então o médico pediu para parar de amamentar, então eu decidi deixar Gabriel 4 dias na casa da avó para que ele e eu não sofrêssemos o desmame, pois ele sentia o cheiro do leite e queria. Fiz isso para ele não sofrer e para que eu também não sofresse.

Pp: Com que idade ele começou a andar? Engatinhou?

M: Ele andou muito cedo, mas demorou a falar, com pouco mais de um ano estava somente balbuciando, demorou para ele falar e eu entender, diferente do irmão, que falou e leu bem cedo. Com oito meses começou a andar, engatinhou muito pouco, Matheus só andou com um ano.

Pp: ele se sentia seguro? Esbarava muito nas coisas?

M: Nessa época eu tinha voltado a trabalhar e contratei uma pessoa para ficar comigo em casa e eu falava para ela, a prioridade é o Gabriel, se der tempo faça algo em casa. Ele era seguro e não esbarava nas coisas, eu explicava que tinha que explicar o que não pode. Mas quebrava os enfeites da prateleira. Com o Matheus eu era mais neurótica, ninguém podia entrar em casa de sapato, Matheus eu protegia demais, já Gabriel foi mais solto já tinha liberdade de brincar e comer terra.

Pp: para andar ele teve a ajuda de alguém, pai, irmão?

Demonstra preocupação e cuidado com o filho.

Demonstra culpa com relação a superproteção dada ao primeiro filho. Emociona-se.

Gabriel tem pouco contato com amigos e familiares no dia a dia. Gabriel desfruta de mais privilégios por ser o menor, o caçula.

<p>M: Matheus teve uma regressão com o nascimento do Gabriel, foi muito difícil para mim, pois até eu entender o porque que com 8 anos eles estava fazendo coco na roupa, foi muito difícil. Ele teve que fazer tratamento durante dois anos. Gabriel andou sozinho mesmo, mas todo mundo segurava.</p> <p>Pp: e como é a relação do Mateus hoje com o Gabriel?</p> <p>M: bem tranquila, eles brigam mas também se protegem demais. Matheus é muito ciumento ainda.</p> <p>Pp: os limites em casa são os mesmos para os dois?</p> <p>M: Matheus reclama. Ele diz que sempre é o errado, eu acho que cobro dele por ele ser mais velho, é uma diferença de sete anos.</p> <p>Pp: Na sua infância como foi? Você brincou muito?</p> <p>M: Sim, eu morava na roça e tinham muitas crianças e eu era uma das seis, fora os primos, eu corria e aprontava muito, jogava bola. Gostaria de dar isso aos meus filhos, aqui eles são muito presos em casa, lá eles ficam livres na casa dos meus pais, mas somente duas vezes no ano.</p> <p>Pp: Como era a família antes do Gabriel nascer?</p> <p>M: não mudou muita coisa, não temos boa situação financeira, não saímos muito. Ficamos mais em casa e continuamos fazendo isso.</p>	<p>Dificuldade de impor regras.</p> <p>Gabriel gosta de trabalhar com matérias não estruturados. Criativo.</p> <p>Queixas sobre as escolas</p>
---	--

<p>Pp: Gabriel tem horário para dormir e acordar?</p> <p>M: somente para acordar. Enquanto tiver uma luz acesa ou alguém se movimentando na casa, ele não consegue dormir. Eu tenho que tirar a tv e o celular, mas enquanto eu estiver acordada ele também fica. Ele é muito grudado comigo.</p> <p>Pp: Mas é ele que tem que querer ir pra cama?</p> <p>M: É porque é nessa hora que eu fico mais sobrecarregada, aí ele fica vendo netflix, filme de dinossauro, ou então brincando com lixo, falo isso porque ele adora pegar as caixas, cabo de vassoura e transformar em espada, em carro. Um dia pediu dinheiro a tia para comprar fita adesiva para fazer um brinquedo com material reciclado.</p> <p>Pp: Com que idade ele entrou na escola?</p> <p>M: um ano e dez meses.</p> <p>Pp: E a adaptação?</p> <p>M: a escola era na frente da casa da avó, acho que por isso ele se sentia seguro. Mas todo dia chegava em casa mordido, e ele não revidava.</p> <p>Pp: No nosso primeiro encontro você comentou que ele trocou quatro vezes de escola, como foi isso?</p> <p>M: Quando ele tinha 4 anos o irmão quis mudar de escola, então mudei e coloquei ele na mesma escola,</p>	<p>Provável quebra de vínculo com a aprendizagem sistemática.</p> <p>Angústia e culpa são sentimentos presentes quando relata a não-aprendizagem de Gabriel.</p> <p>O pai parece passivo nas regras da casa. O filho não ouve a regras do pai, somente da mãe.</p>
--	--

pois tinha desconto, a Marisol. Com pouco mais de 1 ano ele tinha entrado na primeira escola. Na segunda escola eu tive um desentendimento com a escola e mudei ele para a Miquele, já com 5 anos, onde ele começou a alfabetização.

Pp: Como foi a alfabetização?

M: ele chegava em casa com a calça toda suja, a professora relatava quase todos os dias que ele ficava engatinhando na sala. Então meu marido resolveu trocar de pró. Então ele trocou de horário, mas ele não se adaptou, então voltou para a outra pró novamente. Trocamos porque meu marido dizia que a professora protegia ele demais, e ele não estava se desenvolvendo. No fim do ano a escola pediu para eu levar ele para um psicólogo, pois Gabriel não aprendeu a ler.

Pp: todos na sala liam e escreviam?

M: assim... eles estavam aprendendo, no fim do ano, passaram ele porque disseram que ele estava lendo. Então no outro ano ele passou para a escola Jesus Cristo, e trocou de professor seis vezes durante um ano. Quando a professora titular voltou no fim do ano, falou na frente dele que ele era preguiçoso e que não iria passá-lo de ano. Então eu conversei com a coordenadora e não sei por que ela mudou e no fim do ano ele passou.

Pp: Gabriel pediu em algum momento para trocar de escola? Ele tem amigo na escola? Gosta dos professores?

M: Quando ele estava na Miquele pedia para voltar pra Marisol, mas por uma questão financeira, não pude mantê-los na escola particular. Não tem muitos amigos, ele gostava de um professor que saiu, esse professor era mais paciente com ele. Pois a professora tem 20 alunos e um com problema, então ela exclui o Gabriel, que costuma ser liberado mais cedo para ficar brincando, pois ele não escreve mesmo.

Pp: Como é o pai nessa família?

M: ele tem um defeito, ele não faz programa de homem com os meninos, eu tenho que estar presente em tudo, mas eu sou mandona e Gabriel é igual a mim. Ele é muito tranquilo e passivo, mas brinca com os meninos em casa, no máximo vai ao cinema. Ele diz que Gabriel é cheio de vontade. Mas Gabriel quer ser dominante. Acho que Gabriel eu protejo demais.

Pp: como é o estudo em casa?

M: eu coloco uma mesa na sala, meu tempo é muito escasso, então quando eu posso eu ensino, coloco ele para copiar. Nas outras disciplinas ele se da muito bem, principalmente em matemática.

ANÁLISE:

A mãe tem dificuldades de impor regras ao Gabriel. Mudou ele de escola quatro vezes ou por questões financeiras ou por questões pessoais relacionadas ao seu julgamento, o que pode ter influenciado o processo de aprendizagem de Gabriel e a não construção de vínculo com a aprendizagem sistemática.

INFORME PSICOPEDAGÓGICO

Nome: Gabriel Zeferino Dias

Sexo: Masculino

Data de nascimento: 20/04/2017

Idade: 8 anos

Escolaridade: 3º ano

Escola: Escola de 1º Grau Jesus Cristo, Mansão do Caminho, Pau da Lima.

Este Informe Psicopedagógico tem como objetivo dar o resultado da avaliação psicopedagógica realizada com Gabriel Zeferino Dias. Nesta, investigamos as causas das suas dificuldades de aprendizagem, da sua dificuldade em ler e escrever e do seu baixo rendimento escolar.

A avaliação foi desenvolvida em oito sessões de 50 min cada. Foram aplicados os seguintes instrumentos fundamentados na Epistemologia Convergente: EOCA – Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem, provas Operatórias Piagetianas, Técnicas Projetivas Psicopedagógicas, atividades de compreensão leitora e Anamnese.

Através dessas atividades desenvolvidas, pudemos observar Gabriel como uma pessoa inteligente e curiosa, porém inquieto com relação às atividades que lhe foram solicitadas. Apresenta uma auto-estima elevada, sempre dizendo que as atividades são fáceis e que consegue fazer muitas coisas muito bem. Bastante extrovertido, gosta de conversar e é observador. Somente demonstra-se introspectivo para fazer atividades de leitura e escrita, reafirmando que não sabe ler, que ninguém o ensinou.

Demonstrou através das atividades realizadas um vínculo positivo com a família e com relação ao trabalho psicopedagógico desenvolvido. Porém, apresentou pouco vínculo com os amigos e um frágil vínculo com relação à aprendizagem sistemática, a leitura e a escrita e também com professores e escolas. Evidenciou pouca tolerância e resistência quanto à algumas regras, no

trabalho psicopedagógico e em casa, precisando que as mesmas lhes sejam repetidas algumas vezes.

Não lê, somente consegue juntar as sílabas. Na escrita encontra-se no nível silábico alfabético. Necessita de maior apoio quanto ao processo de aquisição da escrita e incentivos maiores quanto à leitura e jogos que ajudem a desenvolver as habilidades necessárias para tornar-se competente leitor e escritor.

Demonstrou dificuldades quanto à classificação, combinação (ideias e proposições) e intersecção. Conserva, na maioria das vezes, com argumentos de identidade e em alguns poucos momentos utiliza o argumento de reversibilidade (uma operação mental reversa que permite ao sujeito entender determinadas questões que venham exigir tal tipo de raciocínio). Essas dificuldades são próprias para quem ainda não sedimentou as habilidades cognitivas do seu estágio. Encontra-se no estágio cognitivo operatório concreto, porém com várias habilidades cognitivas, específicas deste estágio, precisando ser adquiridas.

Assim, considerando a avaliação desenvolvida, seus resultados e a importância de proporcionar condições para a aquisição de um melhor nível de aprendizagem vemos, para Gabriel, a necessidade de um acompanhamento psicopedagógico que lhe dê suporte para a aquisição de habilidades cognitivas que ainda não estão devidamente sedimentadas.

Salvador,

Carina Santiago Ribeiro Dias
Annelay Peneluc da Rocha

Alunas do curso de Especialização em Psicopedagogia
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o fato histórico da psicopedagogia no Brasil e no mundo, como os sujeitos objetos da psicopedagogia aprendem, como a teoria de Jorge Visca da Epistemologia Convergente contribui e norteia essa compreensão e atuação destes profissionais, bem como refletiu sobre a formação básica e prática dos psicopedagogos no Brasil.

Diante do exposto nesse estudo fica claro que a psicopedagogia é um campo relativamente novo no Brasil e é interdisciplinar desde sua formação a sua prática necessitando muitas vezes de suporte teórico da psicologia, sociologia e pedagogia em sua atuação. Fica claro também a importância crucial da atuação psicopedagógica que a sociedade brasileira tem apresentado diante dos problemas de aprendizagem crescentes produzidos pelo seu sistema de ensino e configuração social.

Sendo assim é evidente a importância da compreensão do sujeito que Jorge Visca propõe na Epistemologia Convergente para compreender como estes aprendem levando em consideração a estrutura cognitiva, afetiva e social, não somente dos indivíduos, mas também das organizações e sociedades que aprendem. Bem como os passos criados por ele para um diagnóstico preciso e fidedigno a realidade, utilizando instrumentos como a Eoca (entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), como base para um trabalho real psicopedagógico.

Os desafios da formação e prática do Psicopedagogo também são evidentes, desde a problemática normativa a abertura de cursos que não suportam a complexidade do fazer psicopedagógico, a necessidade constante de atualização e estudos voltados para a área.

Portanto a reflexão sobre a prática dos psicopedagogos não deve encerrar ao final de um curso de formação, ela será somente o ponta pé inicial para um mundo de desafios que cada ser humano em sua imensa complexidade é capaz de proporcionar, bem como o ambiente social, pois todos nós aprendemos coisas novas todos os dias e onde houver aprendizagem o fazer psicopedagógico pode estar presente.

BIBLIOGRAFIA

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991. 264p.

FALCÃO, Marinho Gérson. **Psicologia da Aprendizagem**. 9.^a ed. São Paulo, Editora Ática, 1996.

PANTANO, Telma; ZORZI, Jaime Luiz. **Neurociência aplicada à aprendizagem**. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2009.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**: Epistemologia Convergente. – Jorge Visca. Segunda edição. Tradução: Laura Monte Serrat Barbosa.- São José dos Campos: Pulso Editorial, 2010. 160p.

VISCA, Jorge. **O diagnóstico operatório na prática psicopedagógica**. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2008

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14 ed. Ver. E ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

ANEXOS